

## O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO E A TEORIA DO CAOS

J. Clancy Clements  
Indiana University

O processo de gramaticalização encontrado mais frequentemente começa com um item de categoria lexical (podem-se incluir aqui também demonstrativos, interrogativos e alguns pronomes) que através de reanálise e outras modificações passa a ser uma espécie de marcador gramatical, como esquematizado por (1).

(1)	A	B...C	D
	item lexical	>...>	marcador gramatical

Este processo não ocorre em etapas definidas: um item lexical pode ser mantido e simultaneamente evoluir para uma função de auxiliar, como no caso de *ter* em português, que é usado como verbo (uma categoria lexical) assim como auxiliar. Talvez uma visão geral de gramaticalização mais representativa seria a esquematizada em (2), permitindo co-ocorrência das etapas. Alguns padres possíveis são ilustrados por (3).

(2)	A	B	C	D
	item lexical >	item lexical usado >		sinaxe > morfologia
		em contextos		
		específicos		

(adaptado de Hopper e Traugott 1993:94-95)

- (3) a. A > {A/B/C/D} > D  
 b. A > {A/B/C} > {B/C/D} > D  
 c. A > {A/B} > {B/C} . {C/D} > D  
 (adaptado de Hopper e Traugott 1993:36)

Um caso ilustrativo do processo representado por (2) seria aquele em que um substantivo relacional (cf. [4]) ou um verbo (cf. [5]) se tornam afixos.

- (4) substantivo relacional >  
 adposição >  
 afixo de caso aglutinativo >

afixo de caso fusional  
 (adaptado de Hopper e Traugott 1993:107-108)

- (5) verbo >  
 auxiliar >  
 clítico de TMA >  
 afixo de TMA  
 (adaptado de Hopper e Traugott 1993:107-108)

É claro que um elemento gramatizante pode permanecer por algum tempo em qualquer etapa. Em outras palavras, um determinado item lexical pode se tornar uma adposição ou um clítico e não evoluir mais. Como já foi mencionado, *ter* em português é um verbo, mas existe também um auxiliar correspondente que provavelmente não se tornará um afixo em breve tempo. O importante, no que diz respeito à gramaticalização, é lembrar que este é um processo contínuo e que um item pode estar em qualquer etapa deste processo ou em várias etapas simultaneamente em qualquer momento dado.

O processo de reanálise, que é uma parte integral da gramaticalização, é muito comum nos processos de pidginização e crioulição. Alguns exemplos mais conhecidos são dados em (6).

- (6) Crioulo Francês Haitiano: *te* PASSADO (< Francês *été* 'sido')  
 Tok Pisin: *pinis* COMPLETIVO (< Inglês *finish* 'terminar')  
 Crioulo Português de Sri Lanka: *ja* PASSADO (< Português *já*)  
 Crioulo Português de Korlai: *l* FUTURO (< Português *logo*)

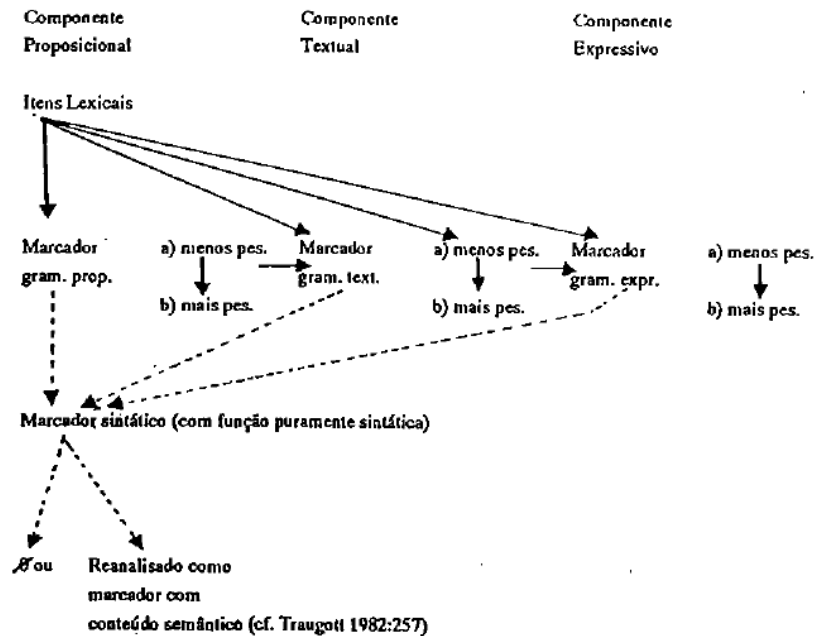
Portanto, os pidgins e os crioulos têm um grande potencial para contribuir de um modo significativo para nossa compreensão do processo da gramaticalização. Abaixo, veremos que isto se verifica plenamente.

Nos últimos dez anos, tem-se efetuado uma grande quantidade de trabalhos na área de gramaticalização (vide Hopper e Traugott 1993, Heine, Claudi e Huennemeyer 1991, Traugott e Heine 1991 e referências nestas obras). Devido aos resultados dessas pesquisas, pode-se dizer com alguma medida de segurança que alcançamos um nível razoável de entendimento com relação aos mecanismos gerais do processo de gramaticalização. Existem, porém, algumas áreas relacionadas à gramaticalização que são menos compreendidas e eu tratarei de algumas delas neste estudo. Especificamente, examinarei a seguinte questão: qual é a linha de evolução que um elemento segue uma vez que tenha sido gramaticalizado? quer dizer, uma vez que tenha cessado de ser um item lexical e que tenha passado a ser puramente um marcador gramatical? Para abordar esta questão, usei dados de diversas línguas, entre elas dados do Português de Korlai, uma língua crioula indo-portuguesa falada na costa ocidental da Índia. Concluirei esta apresentação propondo um mo-

delo estendido de gramaticalização, o qual enquadrarei dentro dos conceitos gerais de *regularidade* e *imprevisibilidade*, procedentes da teoria do caos.

Num excelente trabalho, Elizabeth Traugott (1982) argumenta que o processo de reanálise consiste em mais do que *atenuamento semântico*, processo pelo qual um item lexical perde gradualmente o seu conteúdo semântico e adquire uma função gramatical. Sendo que 'a condição normal de uma comunidade de falantes é heterogênea' (Labov 1982:17), o atenuamento semântico ocorreria plausivelmente durante um certo período de tempo. Porém, Traugott argumenta que durante este processo, um item lexical mantém ou aumenta o seu conteúdo informativo, observação que vai contra a noção de atenuamento semântico. Para captar dentro da teoria o aumento de conteúdo informativo, Traugott (1982:257) propõe um modelo que consiste em três componentes: o *Componente Proposicional*, o *Componente Textual*, e o *Componente Expressivo*.<sup>1</sup>

(7)



Os caminhos indicados pelas setas são facultativos, representando meras tendências e não uma linha de evolução estritamente unidirecional. As linhas pontilhadas apontando para o marcador sintático indicam que podem existir "várias etapas intermediárias de sintatização e morfologização durante as quais o elemento gramaticalizado perde alguns ou todos os seus significados" (Traugott 1982:258).

O componente proposicional contém os recursos da língua que possibilitam falar-se sobre algo. Embora o componente proposicional seja o local principal de relações denotativas, também inclui várias categorias que não podem ser interpretadas somente nestes termos como por exemplo as expressões dêicticas de lugar (aqui-ali-ia), tempo (agora-culão) e pessoa (eu-tu) (cf. Traugott 1982:248). Portanto, o componente proposicional tem a ver com a relação entre uma expressão linguística e a realidade extra-linguística que esta denota.

"O componente textual tem a ver com os recursos [de uma língua] disponíveis para a criação de um discurso coerente. Esses incluem os vários conectivos, como *mas* e *portanto*, [que são] no final compreensíveis somente em termos de suas funções pragmáticas dentro do discurso. Eles incluem pronomes anafóricos e catafóricos..." (Traugott 1982:248), assim como em (8),

- (8) Anafórico: *Jane<sub>i</sub> e uma mulher. Ela<sub>i</sub>...*  
 Catafórico: *Eu quiz dizer isto<sub>i</sub>; [Jane e uma boa amiga]<sub>i</sub>*

e também topicalizadores, relativizadores, complementadores, etc. Esses elementos têm uma função coesiva no decorrer de um determinado evento de fala. Em outras palavras, o componente textual contém elementos que relatam partes de um discurso a outras partes do mesmo discurso numa determinada situação de fala.

"O componente expressivo ... tem a ver com os recursos da língua para a expressão de atitudes pessoais ao que é falado, ao texto próprio, e a outras pessoas na situação de fala. Esses incluem elementos que demonstram não só coesão mas também atitudes para com, e até mesmo avaliação das proposições que coerem..." (Traugott 1982:248). Comparando (9) com (10), por exemplo,

- (8) *A Maria come creme de amendoim mas o Pedro não o come.*  
 (9) *Embora Maria come creme de amendoim, o Pedro não o come.*

O primeiro, que contém a conjunção *mas*, é neutro a respeito de avaliação, enquanto que o segundo usa o adversativo *embora*, adicionando à elocução um aspecto de avaliação. Também fazem parte do componente expressivo, marcadores de tomadas de turno e honoríficos.

Como indicam as setas em (1), não é necessário para um determinado item lexical passar por nenhum dos componentes do processo de gramaticalização para que se gramaticalize. Isto é, um item lexical pode adquirir um valor proposicional e depois passar a ter um valor expressivo sem ter que haver adquirido um valor

textual. Além disso, quanto mais um determinado item lexical evolui ao longo do processo de gramaticalização, mais ele passa a refletir valores atitudinais e pessoais. Enquanto que o componente proposicional trata da denotação, baseada mais na realidade objetiva, itens com valor textual abstraem da relação entre língua e realidade, concentrando-se na coerência do próprio texto. Os valores no componente expressivo são ainda mais pessoais/atitudinais.

Seu assim, um determinado item lexical pode estar perdendo o seu conteúdo semântico original, ao mesmo tempo que esteja aumentando o seu conteúdo informativo em outra área. Entretanto, como foi mencionado acima, um elemento não precisa passar por nenhum dos três componentes, especialmente se se trata dos processos de pidginização e criouliização. Por exemplo, no caso de criouliização abrupta, certos itens lexicais viram marcadores gramaticais num período relativamente curto, como foi o caso do português *já* em passar a ser um marcador do passado no Português de Korlai.

Note que até agora pouco foi dito a respeito do que ocorre depois que um elemento se torna um marcador puramente sintático. A essência deste trabalho concentra-se no destino desses elementos à medida que eles evoluem desta etapa.

Foi mencionado que um ou outro exemplo seguem as etapas ilustradas por (1). Eu agora gostaria de ilustrá-las com outros exemplos-chave. O primeiro exemplo tem que a ver com a palavra *stead* do Inglês antigo, que originalmente era um substantivo que significava 'lugar' ou 'cidade/vilarejo'. No Inglês moderno encontram-se vestígios deste elemento em palavras compostas, assim como *homestead* 'propriedade rural'. Mas também no Inglês antigo *stead* já era usado como elemento dêictico em expressões como *on the stead* 'no lugar, lá' (cf. OED sob *stead* II,2,d). Atualmente, o reflexo de *stead* faz parte de uma preposição composta, ilustrado em (11).

- (11) *INSTEAD of staying home, let's go to the movies.*  
'Em vez de ficar em casa, vamos ao cinema.'

Como um segundo exemplo, no inglês antigo, *will* era um verbo significando 'querer', mas também era usado como um adverbial assim como em *to go will* 'extraviar-se'. Além do mais, já no inglês antigo, *will* estava sendo usado para marcar o futuro, como indicam exemplos no OED. Hoje, entretanto, é exclusivamente um marcador gramatical do futuro.

Um terceiro exemplo, que tem que a ver com a palavra portuguesa *mesmo/a*. Como adjetivo, *mesmo/a* pertence ao componente proposicional. Porém, esta palavra experimentou uma evolução ulterior no uso enfático ilustrado pelos exemplos em (12).

- (12) *O meu amigo comeu muito mesmo.*  
*Devemos chegar hoje mesmo.*

Para resumir, a evolução das palavras *stead*, *will* e *mesmo* a caminho da gramaticalização é ilustrado por (13).

(13)						
ITEM LEX C. Prop.	>	C. Text.	>	C. Expr.	>	Item Gram.
<i>stead</i>	----->	preposição				
<i>will</i>	----->	adverbio	----->	aux./clítico		marcador de tempo
<i>mesmo</i>		adjetivo	----->	marcador enfático		

Segundo o presente esquema, a evolução de um item lexical pode proceder numa direcção só: do Componente Proposicional ao Textual ao Expressivo, com o ponto final sendo aquele em que o item esteja completamente gramaticalizado. Porém, precisa colocar as seguintes perguntas: O que acontece a um item DEPOIS da gramaticalização completa? Tudo acaba aí? Senão, de que modo é que um item gramatical evolui daí em diante? No que segue, eu apresentarei evidência que sugere que um elemento gramatical pode passar por diversas modificações depois de chegar à etapa de um marcador puramente gramatical. Um tal marcador pode até mesmo se tornar um item lexical novamente, assumindo, é claro, que todos os marcadores gramaticais foram uma vez itens lexicais.

Em primeiro lugar, existem diversos casos em que um item gramatical subsequente se torna um marcador enfático. Contudo, em apenas um exemplo, proveniente do português de Korlai, o marcador enfático subsequente desaparece.

No espanhol mexicano dos séculos XVI-XVIII, é provavelmente ainda hoje, o clítico reflexivo *se* era usado como um marcador enfático com verbos de moção que normalmente não apareciam com *se* ou outros pronomes análogos. Os exemplos foram tomados de dois textos. Os primeiros (14), são de um documento legal datado de 1578 (García Carrillo 1988:66,119,128); o segundo (15) de uma freira mexicana do século XVIII (Myers and Powell forthcoming) que descreve um encontro místico com Cristo.

- (14) a. *oyó dar bozes hazia la Cárçel Real de corte a vn hombre, que dezlan que era alcaide, diciendo: "¡que SE huye el preso!"... (p. 128, ls. 854-856)*  
'ele ouviu os gritos dirigidos à cadeia real ... por um homem que eles diziam prefeito, e ele estava gritando, "o prisioneiro SE esta escapando!"'

- b. e Martín Vélez, que allí estava, le dixo: "Guillén es, que SE a salido de la cárcel y SE viene a la yglesia..." (p. 119, ls. 330-331)  
e Martín Vélez, que estava ali, disse-lhe: "E Guillén que SE saiu da cadeia e SE vem a igreja..."
- (15) estando un dia en orasion vide a nr sr crucificado cerca de mi y vide como se desclabo bajandose de la [crus] y SE vino para mi la crus se quedo parada y su mgd llego donde io estaba y SE entro dentro de mi y abraço a mi [alma]... (volume II, Folios 175 (verso) - 176)  
'Um dia durante as rezas eu vi o Nosso Senhor, crucificado, perto de mim vi como ele tirou os pregos, desceu da cruz e SE veio a mim. A cruz ficou erecta e ele se aproximou de onde eu estava e SE entrou dentro de mim e abraçou a minha alma.'<sup>2</sup>

Em todos estes exemplos, um pronome reflexivo adquire um uso associado ao componente expressivo.

Os exemplos do português de Korlai (PK) revelam um outro caso no qual um marcador gramatical torna-se um marcador enfático. Durante o processo da crioulização que levou à formação do PK, o *já* português foi reanalisado como um marcador do passado. Até uma data relativamente recentemente, PK marcava o passado redundantemente, com o marcador *já* preposicionado e com um sufixo, como em (16).

- (16) a. *Lorenz ja kato.* (kata 'cantar')  
Lorenz PASSADO cantou  
'Lorenz cantou.'
- b. *Lorenz ja bebew.* (bebe 'beber')  
Lorenz PASSADO bebeu  
'Lorenz bebeu.'
- c. *Lorenz ja irgiw.* (irgi 'erguer')  
Lorenz PASSADO ergueu  
'Lorenz levantou-se.'

Além disso, sabemos através dos textos colecionados por Delgado (1906) que no mínimo dois crioulos irmãos de PK, o Crioulo português de Mahim e o crioulo português de Tecelari, também marcavam o passado redundantemente exatamente como em PK. Devido à pressão crescente exercida por Marathi, língua adstratal de ordem SOV da área Korlai, PK tem desenvolvido, mais recentemente a um passo alarmante, traços de ordem SOV, assim como complementadores em posição final e ordem predominantemente SOV (cf. Clements 1990, 1991, 1992). Parte desse mesmo desenvolvimento, tem sido a perda de *já* como um marcador de passado,

dando-se preferência à marcação sufixal, presente também em Marathi. Atualmente, nenhum habitante de Korlai marca o passado com *já*: em vez disso, todos os falantes usam esse elemento como provérbio, como se observa em (17).

- (17) Pergunta: *Use jato?*  
voçe-FORM jantou  
'Você almoçou?'
- Resposta: *Já.*  
PROVERBO  
'Almocei'

Entretanto, há um senhor nascido em Korlai que atualmente reside em Bombaim e que tem estado fora da aldeia por mais de 50 anos e sem nenhum contato substancial e contínuo com os habitantes de Korlai. Examinando-se um longo monólogo deste senhor (aproximadamente 3700 palavras) vê-se que em sua fala *já* não é usado como marcador do passado mas como um marcador enfático. Esse é mais um caso em que um marcador gramaticalizado se torna um marcador expressivo, em contradição ao diagrama de Traugott. O aspecto interessante deste exemplo é que o uso expressivo de *já* ocorreu numa etapa anterior ao seu completo desaparecimento em PK.

Finalmente, em Gê, uma língua Kwa falada em Togo e no sul de Benin, a partícula *ná* marca habitualidade obrigatoriamente em verbos e opcionalmente em posições, como se observa em (18).

- (18) a. [VP V-ná [PP P(-ná) NP]]
- b. [VP tó-ná rya sugbó [PP ná(-ná) Ayí]]  
emitir-HAB palavra muitas to-HAB Ayí  
'...dizer muitas coisas a Ayí.'

Em vários casos em que *ná* é opcional, os falantes podem usar essa partícula como um marcador de ênfase. Neste caso, o uso de *ná* precipita movimento de foco. Esse é ainda um outro caso em que um marcador gramatical, i.e. *ná*, se torna um marcador expressivo e codifica a opinião do falante sobre uma determinada situação.

Em todos os quatro exemplos examinados acima, vimos um marcador gramatical ou gramaticalizado adquirir um valor expressivo e que pode ser usado para codificar a opinião do falante sobre uma determinada situação. Estes exemplos constituem contraexemplos ao fluxo geral unidirecional representado em (1). Agora examinarei um outro tipo de contraexemplo, no qual um marcador gramatical, em um caso, passa a ser verbo enquanto mantém sua função como afixo, e em outro caso se torna novamente um item lexical.

Langacker (1977:90) declara que "muitas línguas, incluindo várias línguas uto-aztecas, usam locuções existenciais assim como 'O N dele é'(N=substantivo) para significar 'Ele tem um N'. Nesta locução existencial, o substantivo N naturalmente levaria o sufixo \*-wa que marca o objeto possuído, e o verbo poderia ser zero, que depois pode ser reconstruído como 'ser' em proto-uto-azteca. De fato, é claro que era usado em orações existenciais. Uma outra locução possessiva encontrada em várias línguas uto-aztecas é 'Ele tem o seu N'. [Parece] ... que o sentido 'ter' de \*-wa, veio a existir através de uma reformulação de construções em que expressões do tipo 'O N dele é' foram reanalisadas como se representassem locuções do tipo 'Ele tem o seu N' (que mais tarde se simplificou a 'Ele tem N')." Assim sendo, o elemento gramatical que marca o nominal possuído foi reanalisado como um verbo de possessivo, embora tenha permanecido um afixo (cf. [19]).

(19)

Ni	POSSR <sub>i</sub>	N	POSSD	SER >	Ni	POSSR <sub>i</sub>	N	TER
X	Y	Z	-wa	0	X	Y	Z	-wa

O outro caso encontra-se no dialecto de Saame Enontekiö do Norte da família Finno-Pénnica como foi descrito por Nevis 1987a (em Joseph e Janda 1988:200). Neste dialecto, o morfema abessivo *taga* tenha se desenvolvido de um afixo a um clítico a uma palavra livre. Mais especificamente, a forma *taga* vem de uma sequência afixal \**pta-k-ek/n* que consiste em \**pta* caritivo + \*-*k* lativo + um sufixo lativo extra \*-*k* ou \*-*n* (com e epentético), como ilustrado por (20).

(20)

<i>taga</i> <	* <i>pta</i>	- <i>k</i>	- <i>ek/n</i>
POSP.	SUFIXO	SUFIXO	SUFIXO
ABESSIVA	CARITIVO	LATIVO	LATIVO

Joseph e Janda declaram que "a evidencia de que *taga* desenvolveu de um afixo é o fato de que na maioria dos dialectos Saame e em toda a família finno-pénnica em geral, os reflexos de \**pta-k* são sufixais. Além do mais, a sequência é claramente composta de dois (ou três no caso de Saame do Norte) morfemas, podendo cada um ser reconstruído por si próprio, e os itens de apenas um elemento \**k* e \**n* simplesmente não poderiam ter sido palavras independentes na protolíngua. Finalmente, na maioria das línguas finno-pénnicas, \**pta* demonstra idiossincrasias de combinação -- em particular, sendo anexo como sufixo de caso a raízes verbais -- que são imprevisíveis e inesperadas e portanto não é provável elas terem corrido independentemente em cada língua" (200). O estado atual de *taga* na língua é de posição. Notavelmente, este não é um caso isolado, sendo que algo parecido se encontra em estoniano antigo, descrito por Nevis 1987b. Eu imagino que particularmente em línguas pidgins e crioulas exemplos deste tipo podem ser evidenciados.

Fora desses exemplos de marcadores gramaticais, pode-se achar também exemplos de itens pertencendo a categorias lexicais fechadas que tornam-se membros de categorias lexicais como verbo e substantivo. Traugott ela mesma (Hopper e Traugott 1993:27) menciona os exemplos do inglês *uppers* 'dentes superiores' < *upper* 'superior' and *downer* 'situação desalentadora' < *down* 'abaixo'. Vários outros exemplos existem em inglês, assim como *ins and outs* 'os detalhes' de *in* 'em' e *out* 'fora' e *ups and downs* 'altos e baixos' de *up* 'acima' e *down* 'abaixo'. O diagrama mostrando o desenvolvimento destes e de outros itens exemplificados encontra-se em (21).

(21)

ITEM GRAM	C. Expressivo >	C. Textual >	C Propositional
-----------	-----------------	--------------	-----------------

Advérbios ingleses

*in, out* -----> *ins, outs*

*up, down* -----> *ups, downs*

Adjetivo inglês *upper* ----> *uppers*

Advérbio inglês *down* ----> *downer*

Espanhol

reflexivo *se* --> marcador enfático

PK

marcador do

passado *já* --> marcador enfático

Gê

marcador

habitual *-ná* --> marcador enfático

Uto-Aztecan

marcador do objeto

possuído *-wa* -----> verbo  
'ter'

Enontekiö

sequência

afixal

\**pta-k-ek/n* -----> *taga* 'de'

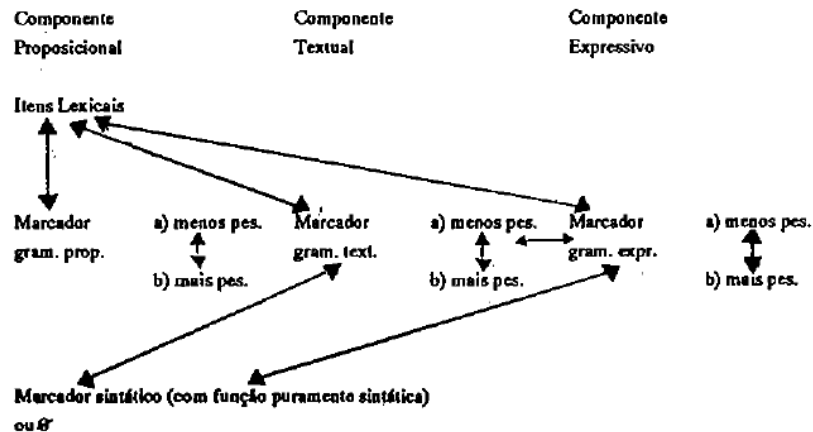
Traugott (1982) propõe um modelo de gramaticalização que implica um aumento no conteúdo informativo de um elemento gramatizante antes que gramatizante completamente. A direção da gramaticalização, prototipicamente (cf.

Hopper e Traugott 1993:127), é que um elemento passa do componente proposicional ao componente textual e/ou ao componente expressivo antes de se tornar um marcador gramatical. Portanto, do ponto de vista da prototipicidade, o processo de gramaticalização é unidirecional. Vimos, entretanto, que, embora não numerosos, existem exemplos que atravessam na direção oposta. Particularmente, me concentrei em marcadores gramaticais ou gramaticalizados que evoluíram de modo a fazer parte de um dos três componentes semântico-funcionais propostos por Traugott.

Agora, ao invés de examinar o processo de uma perspectiva baseada na noção de prototipicidade, eu gostaria de sugerir um outro modo de entender os dados apresentados: isto é, examinando o processo através das noções de *regularidade*, *iteração* e *imprevisibilidade* como são empregadas na teoria do caos (Chalice 1993). Assim, existe um caminho de gramaticalização que elementos linguísticos seguem com grande regularidade. Porém, a medida que este desenvolvimento ou operação é iterado, ocorrem casos que vão contra esta regularidade. Em outras palavras, embora se formam padres regulares com um número suficiente de instâncias ou repetições, também ocorrem casos em que "escolhas repetitivas entre várias alternativas parecem ser tomadas quase por acaso" (Chalice 1993:11), quer dizer que são caóticas. Tomado individualmente, portanto, o caminho seguido por determinado item lexical no seu desenvolvimento a uma outra etapa é no final imprevisível.

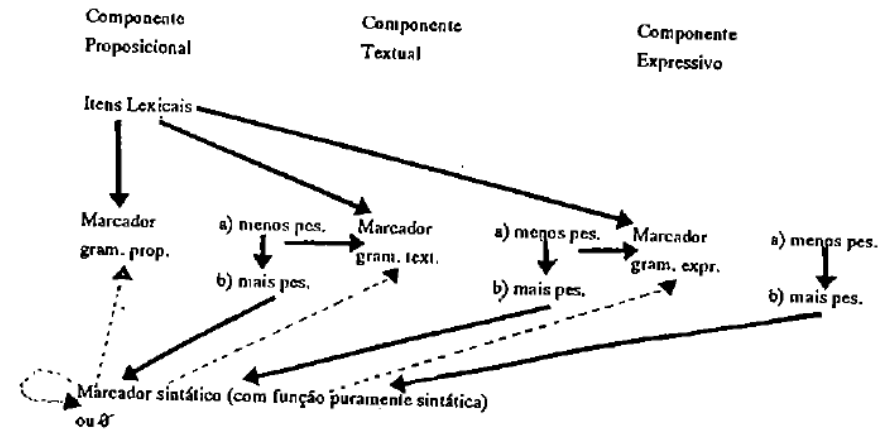
As implicações destas considerações para o modelo de Traugott são as seguintes: dado um número suficiente de iterações, e.g. uma base de dados contendo uma vasta quantidade de exemplos de todos os tipos de reanálise, seria teórica e praticamente possível a evolução de um item a partir de uma etapa qualquer para outra qualquer. Isso elucidaria a imprevisibilidade do modelo de Traugott. Sendo assim, imprevisibilidade nos leva a um modelo como em (22).

(22)



A regularidade alta e baixa poderia então ser marcada em negrito e com linhas pontilhadas respectivamente, o que daria (23).

(23)



A regularidade marca-se de acordo com os dados que me foram disponíveis. Agora, a seguinte questão é evidente: por que certos desenvolvimentos não ocorrem ou ocorrem raramente? Uma possível resposta é que depois da gramaticalização, não existe uma conexão entre os componentes como existe durante o processo de gramaticalização altamente regular. Ainda assim, há muito o que dizer sobre o porquê desta explicação. Uma resposta rápida seria que a conexão entre os diferentes componentes depois da gramaticalização chega perto dos limites do sistema e, assim, o desenvolvimento acontece por acaso. Mas uma explicação seria que a conexão mais fraca se encontraria entre os componentes de desenvolvimento depois da gramaticalização; uma conexão mais forte achar-se-ia, porém, entre a etapa de gramaticalização completa e qualquer um dos componentes, enquanto que a conexão mais forte seria entre as etapas diferentes entre a etapa de item lexical a etapa de marcador sintático. A minha esperança é de que os dados dos pidgins e crioulos possam elucidar as questões aqui postas e que através das contribuições que a lingüística dos pidgins e crioulos tenha a fazer, uma melhor compreensão do processo global de gramaticalização se tornará realidade.

## NOTAS

- 1 O modelo está baseado no de Halliday and Hasan (1976), no qual se distinguem os componentes ideacional, coesivo e interpessoal. Estes, porém, não correspondem estritamente aos componentes proposicional, textual e expressivo de Traugott. Além do

mais, no modelo original de Traugott, há apenas uma opção para o desenvolvimento ulterior uma vez alcançada a etapa da gramaticalização. Entretanto, ela mesma explica que em realidade há duas opções e as duas aparecem no diagrama.

2 Gostaria de agradecer a Amanda Powell por mostrar-me estes exemplos.  
3 O *se* reflexivo também parece ter sido gramaticalizado em uma etapa ulterior no emprego como marcador de aspecto completivo:

(i) *comer* 'comer' vs. *comerse* 'comer tudo de alguma coisa'  
*beber* 'beber' vs. *beberse* 'beber tudo de alguma coisa'

## REFERÊNCIAS

- Chalice, Donald. 1993. Chaos, models and templates. In Vladimir Milicic (ed.), *Chaos and chaos theory - Nonexistent objects*. Bellingham:Western Washington University, 11-30.
- Clements, J.Clancy. 1992. Elements of resistance in contact-induced language change. In Garry W. Davis and Gregory K. Iverson (eds.), *Explanation in Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 41-58.
- 1991. The Indo-Portuguese creoles: Languages in transition. *Hispania* 74:327-46.
- 1990. Deletion as an indicator of SVO → SOV shift. *Language Variation and Change*, 2:103-133.
- García Carrillo, Antonio. 1988. *El español en México en el siglo XVI*. Sevilla: Ediciones Alfar.
- Halliday, M.A.K. and Ruqaiya Hasan 1976. *Cohesion in English*. London:Longman.
- Heine, Bernd, Ulrike Claudi and Friederike Hümmeyer. 1991. *Grammaticalization: A conceptual framework*. Chicago:University of Chicago Press.
- Hopper, Paul J. and Traugott, Elizabeth C. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge:CUP.
- Joseph, Brian and Richard Janda. 1988. The how and why of diachronic morphologization and demorphologization. In Noonan, Mickey and Michael Hammond (eds.), *Theoretical Morphology*. San Diego:Academic Press.
- Langacker, Ronald. 1977. Syntactic reanalysis. In Charles Li (ed.), *Mechanisms of syntactic change*. Austin:University of Austin Press, 57-139.
- Labov, William. 1982. Building on empirical foundations. In W. Lehmann and Y. Malkiel (eds.), *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam:John Benjamins, 17-92.
- Lewis, Marshall. 1990. Aspect and figure/ground texture: Habitual marking on Gê prepositions. Paper delivered at the International Pragmatics Conference, July 12th, Barcelona, Spain.
- Myers, Kathleen and Amanda Powell. forthcoming. *Study of the writings of Sor Maria de San José*. Bloomington:Indiana University Press.
- Nevis, Joel. 1987a. Decliticization and deaffixation in Saame: Abessive taga. *Ohio State University Working Papers in Linguistics* 34:1-9.

---- 1987b. Decliticization in Old Estonian. *Ohio State University Working Papers in Linguistics* 34:10-28.

Traugott, Elizabeth C. 1982. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In W. Lehmann and Y. Malkiel (eds.), *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam:John Benjamins, 245-71.

Traugott, Elizabeth C. and Bernd Heine. (eds.) 1991. *Approaches to grammaticalization*. (2 volumes). Amsterdam/Philadelphia:John Benjamins.